

PARA OS AMIGOS TUDO

A construção da Cemig vai além de edificações e redes, ela passa também pelo aprimoramento das relações trabalhistas. A empresa já está adoecida pela intensificação do trabalho, pelo assédio, pela busca do lucro a qualquer custo. Vai também querer sucatear as relações trabalhistas? A Cemig se transformou no que é sem precisar desse ataque ferrenho às nossas conquistas.

E a diretoria da Cemig ainda diz que não há “nenhuma questão ideológica por parte da empresa”. Não seria pura ideologia a “maximização de resultados para os acionistas”? “Atuar imediatamente na extinção do pagamento de Maria Rosa a futuros empregados”? Isso, caro trabalhador, é a ideologia neoliberal, que pode ser traduzida em valorização de meia dúzia de pessoas em detrimento da maioria. Se não é isso, porque distribuir a PR 91% proporcional ao salário?

Não podemos deixar de abordar o enriquecimento ilícito que está por trás da proposta da Cemig. Enquanto para o trabalhador a PRE vai significar sair do cheque especial ou trocar de carro, para os superintendentes e gerentes irá se traduzir em fazendas, apartamentos luxuosos, investimentos na bolsa.

Eles defendem de forma tão ardorosa a proposta da Cemig porque para eles pouco im-



porta o Prosáude, a Maria Rosa, as horas extras. Eles já não pertencem a essa categoria, eles seguem outros parâmetros dentro da empresa, recebem adicionais que eles mesmos definem, sequer têm avaliação de desempenho.

Se a diretoria da Cemig imaginava que os trabalhadores iriam compactuar com essa imoralidade, enganou-se e demonstrou um profundo desconhecimento de quem são os seus empregados. Agora está desesperada, fazendo acusações absurdas do sindicato vai discutir num outro momento e em outro fórum, que é a Justiça. Agora queremos negociar e isso não é pedir muito.

PARA OS TRABALHADORES INTRANSIGÊNCIA

Apesar de toda a mobilização, do esforço dos representantes dos trabalhadores no Comitê de Negociação, dos inúmeros argumentos apresentados comprovando a irresponsabilidade da proposta apresentada, a diretoria da Cemig ainda não desistiu de retirar uma conquista importante do nosso Acordo Coletivo de Trabalho. Também não aceita tocar no assunto PR Linear e não admite prorrogar a data-base.

De forma intransigente e muito pouco sensata, a Cemig quer retirar a Maria Rosa dos novos contratados sem dar uma explicação decente. E não foi por falta de cobrança. Pedimos para a Cemig apresentar os números, os dados que comprovassem a necessidade da empresa de diminuir a folha de pagamento. Afinal, no passado já abrimos mão até de aumen-

to salarial quando a Cemig passou por dificuldades econômicas. Mas por que abrir mão da Maria Rosa quando a empresa apresenta o maior lucro de sua história?

Essa resposta a Cemig não dá. Ao invés de apresentar argumentos, negociar com os representantes dos trabalhadores, a diretoria da empresa prefere alimentar a guerra de informação através de comunicados que só mostram um lado da moeda e, não raro, lançam na categoria mentiras descabidas. Fácil entender o porquê dessa escolha: papel aceita tudo.

Argumento Frágil

A revisão tarifária e a futura primarização são os principais argumentos utilizados para decretar a morte da Maria Rosa. Mas a Cemig escondendo o quanto custa a primariza-

ção e, conseqüentemente, o quanto irá economizar com a contratação de pessoal próprio.

Também não conta para seus trabalhadores que em 2009 termina o contrato com os eletrointensivos (que correspondem a 60% da energia gerada). Para se ter uma idéia, em 2004 esses clientes compraram por R\$60 o mwh e agora, estima-se, que esse valor suba para R\$100,00 o mwh, o que levará a um aumento de R\$1 bilhão na receita da Cemig.

Outro dado que a Cemig não divulga é que da luta dos trabalhadores provém sua valorização atual: o fato de continuar sendo pública e de estar integrada em uma holding. Duas vitórias do sindicato. Assim, só nos resta perguntar: historicamente, quem tem defendido o futuro da Cemig?

Engenheiros defendem diálogo e direitos

No último dia 23 mais de 400 engenheiros (as) da Cemig, em Assembléia Geral, rejeitaram a proposta da Cemig para a renovação do Acordo Coletivo de Trabalho. Eles exibiram cartão vermelho para a postura da empresa de não negociar de fato as reivindicações dos trabalhadores e decidiram também caminhar juntos na luta com os eletricitários da base do Sindieletrô. Em entrevista ao Chave Geral, o presidente do Senge (Sindicato dos Engenheiros no Estado de Minas Gerais), Nilo Sérgio Gomes, avalia a importância da decisão, bem como das mobilizações em defesa da Pauta de Reivindicações, unificada com o Sindieletrô.



Engenheiros deram um exemplo ao não vender a sua dignidade

CG– Qual a importância da decisão dos engenheiros e engenheiras de rejeição à proposta da Cemig?

Nilo– A rejeição se tratou da vontade dos engenheiros e engenheiras de dialogar mais e ter clareza sobre o que significa a proposta da empresa, sobretudo nos itens da PRE e retirada da Maria Rosa. Essa proposta significa o reconhecimento da empresa pelo trabalho, dedicação e esforço da nossa categoria?

Ou significa simplesmente a vontade da Cemig de comprar direitos e reduzir os custos do trabalho? Se a intenção da empresa for esta segunda opção, então é um equívoco. A Cemig deveria reduzir a distribuição de dividendos para os acionistas, caso contrário, vai promover uma sangria em torno de R\$ 350 milhões. São recursos tirados da sociedade para uma minoria do setor privado. Além disso, a proposta da empresa não dá uma resposta clara às reivindicações dos engenheiros, que não aceitam imposições e querem o diálogo, querem avançar.

CG– Como o senhor avalia a decisão da categoria de caminhar junto com as mobilizações dos eletricitários da base do Sindieletrô?

Nilo– Foi uma decisão madura e mostrou que apesar da pressão de alguns gerentes a categoria não se intimidou, rejeitou a proposta da Cemig e também decidiu continuar a luta unificada. Vale dizer que a pressão de alguns gerentes contrariou a Declaração de Princípios Éticos e Código de Conduta Profissional da Cemig na sua página 10, que diz o seguinte: “Não devemos participar direta ou in-

diretamente de qualquer forma de assédio moral e sexual”. No caso da pressão sobre os trabalhadores, foi, na nossa opinião, um assédio moral. Mas não deu certo, os engenheiros e engenheiras valorizaram o caminhar junto com o Sindieletrô e para nós isso significa a possibilidade concreta de alcançarmos vitórias e garantias de direitos.

CG– Quais foram as reivindicações da base do Senge que a Cemig não atendeu?

Nilo– As principais reivindicações sem respostas estão relacionadas ao PCR no que diz respeito aos cargos de níveis Máster I e Máster II, que a Cemig não garante na carreira, a questão da gratificação por supervisão gerencial, e também a reivindicação relativa à periculosidade, que não é paga para os engenheiros que atuam com atividade de risco. Há o ponto sobre a ampliação do auxílio-educação para todos os engenheiros. Pedimos um auxílio sem teto. Outro item é o piso salarial do engenheiro, que a Cemig vem cumprindo através de extra-acordo e nós queremos que seja uma cláusula do nosso ACT. Sem fa-

Mas, afinal, o que significa essa palavra Negociação?

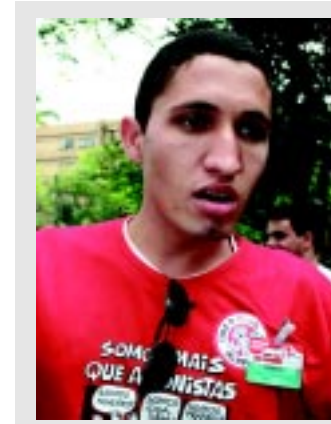
Negociação vem do latim negotiatio e significa ato ou efeito de negociar; encontros, por intermédio de seus legítimos representantes, com a finalidade de estabelecer acordos, concluir convênios ou ajustar tratados. É o que nos responde os dicionários Aurélio e Priberam on-line.

lar em outras reivindicações que atingem todos os trabalhadores da empresa, como a negativa para o aumento real, a venda da Maria Rosa.

CG– Quais os próximos passos para a mobilização dos engenheiros?

Nilo– Vamos encaminhar a nova proposta da empresa para discussão com os trabalhadores, depois convocar assembleias para deliberação. Enquanto isso, continuamos mobilizados. É muito importante que todo engenheiro e toda engenheira estejam unidos e mobilizados.

Qual o problema da proposta da Cemig?



A proposta não reflete a nossa Pauta de Reivindicações. Temos que voltar para a mesa de negociação e começar a negociar. Nem aumento real a Cemig respondeu. E essa proposta de retirar a Maria Rosa enfraquece a categoria. Sei que muitos direitos que eu tenho hoje foram lutas de outras pessoas. Eu não posso deixar de fazer isso também por quem vai entrar na empresa. Roberto Gonçalves Faria – São Gabriel

Essa proposta é prejudicial ao futuro e vai acarretar uma perda muito grande tanto para quem vai entrar como para nós que já estamos na empresa. Além disso, vai começar a ter blocos dentro da Cemig, bloco dos que têm anuênio, blocos do que têm Maria Rosa e o bloco dos que não tem nada disso. Cria uma divisão.

Trabalhador da Cidade Industrial

Na verdade, a Cemig nem respondeu a Pauta de Reivindicações. Acho que temos que melhorar esse PCR. A PR proporcional e com metas é outro problema. A PR tem que ser linear, é o mais justo. Acho que essa proposta é uma jogada da Cemig: compra a Maria Rosa e divide a categoria. Elson Vicente – São Gabriel



Essa proposta não atende o que reivindicamos. O que a Cemig quer é comprar a gente. Apresenta uma proposta que tem quatro folhas falando só da parte financeira. Para mim, os itens mais importantes da Pauta são a PR linear e a mudança na distribuição dos dividendos. Daniel Mota – Cidade Industrial

Essa proposta não atende o que reivindicamos. O que a Cemig quer é comprar a gente. Apresenta uma proposta que tem quatro folhas falando só da parte financeira. Para mim, os itens mais importantes da Pauta são a PR linear e a mudança na distribuição dos dividendos. Daniel Mota – Cidade Industrial



Essa proposta não atende o que reivindicamos. O que a Cemig quer é comprar a gente. Apresenta uma proposta que tem quatro folhas falando só da parte financeira. Para mim, os itens mais importantes da Pauta são a PR linear e a mudança na distribuição dos dividendos. Daniel Mota – Cidade Industrial

De onde vem a Maria Rosa?

Várias versões para o batismo de um direito conquistado com muita luta

Qual a origem do nome “Maria Rosa” e como começou a luta pela sua conquista? Esta história é antiga, tem quase 40 anos, e é recheada de humor e muita luta dos trabalhadores da época para consolidar o direito. A gratificação foi uma conquista, primeiro, dos eletricitários da Companhia Força e Luz, em 1966, e depois consolidada por toda a categoria quando a Cemig incorporou a empresa e seu quadro de pessoal, em 1973.

Antes de ser batizada “Maria Rosa”, era gratificação especial e paga sem regularidade alguma, geralmente no final do ano. Equivalia a um salário-base por ano. Há duas versões sobre a origem do nome que se tornaram lendas dentro da Cemig. A primeira lenda, contam os trabalhadores mais antigos, é que eles e vários companheiros de bolsos vazios, com muitas dívidas para pagar, ligavam ansiosos para a secretária da direto-

ria perguntando quando receberiam a gratificação. A secretária, Maria Rosa, muito gente boa, assim que ficava sabendo o valor e data da gratificação se prontificava a anunciar para os colegas. Popularizou-se então perguntar sobre o abono se referindo a ela: “*então, e a Maria Rosa, tem notícia?*”. E assim foi batizada a gratificação. Outra versão sobre a origem do nome foi a tradição de um grupo de trabalhadores de

sempre comemorar juntos o pagamento da Maria Rosa. Após receberem a gratificação, eles marcavam um encontro regado a cerveja, boa cachaça mineira e tira-gosto de lingüiça Maria Rosa, até hoje vendida no Mercado Central de Belo Horizonte. No entusiasmo da comemoração de ter um pouco de dinheiro no bolso para pagar as contas, o grupo de trabalhadores passou a chamar a gratificação de Maria Rosa, em referência à lingüiça.



Irresponsabilidade Social

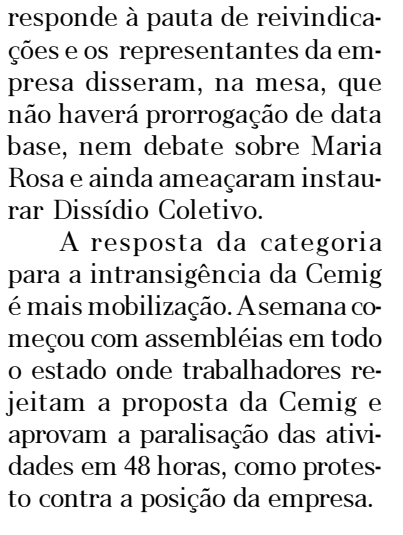
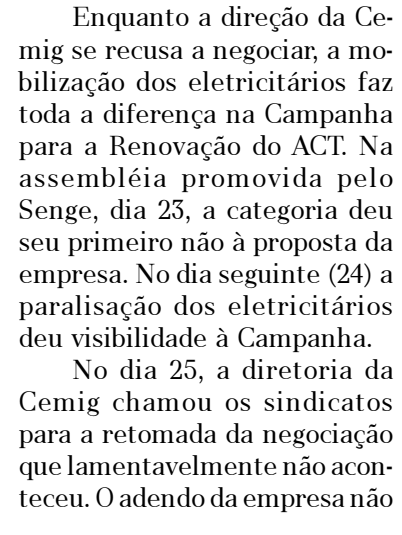
Retirada de benefício gera prejuízos em cascata

A opção da diretoria da Cemig pelo lucro a qualquer custo é paga pelos consumidores e, principalmente, pelos trabalhadores

Até os anos 90, a empresa investia 30% de seu faturamento na folha de pessoal. Depois implantou os PDIs e a terceirização e hoje aplica apenas 10% do total faturado para pa-

gar seus trabalhadores. Paralelo à redução de investimento, a empresa impôs enorme pressão por produtividade. Mas para os acionistas isso ainda é pouco. Por isso a empresa tenta retirar o benefício da Maria Rosa, uma gratificação criada para remunerar o desempenho do trabalhador, num cenário de crescente pressão.

Pelos cálculos do Dieese, um trabalhador contratado sem Maria Rosa já entra na empresa com custo 16,67% menor e, em 15 anos, terá uma perda salarial de 54,17%. Um eletricitista de linhas e redes, por exemplo, se contrato com salário de nível 3 receberia R\$ 1.915,00. Sem receber anuênio e Maria Rosa, após 15 anos, continuaria com o mesmo salário. Já um eletricitário contratado pelas regras atuais estaria recebendo R\$ 2.569,37. O prejuízo se refletiria no FGTS, nas férias, 13º salário e na aposentadoria dos novos contratados.



Todo mundo perde

A médio prazo a retirada da Maria Rosa deve gerar um desfalque na receita do Prosaúde Integrado já que a contribuição do trabalhador para o plano é calculada com base na sua remuneração global, incluindo a gratificação e o anuênio, e observando a idade e a condição de ativo ou aposentado do eletricitário. Por isso, antes de aceitar a retirada de qualquer direito os eletricitários devem fazer e refazer as contas para saber o que o novo Acordo Coletivo representará para o futuro de toda a categoria.

O plano de saúde dos eletricitários é administrado pela Forluz, mas quem cobre o déficit são os participantes. Se houver a retirada da Maria Rosa, os futuros contratados pela Cemig, na maioria jovens, terão remuneração

menor e contribuirão com valor mais baixo. Associada a esta questão, o aumento da expectativa de vida da população e o surgimento de novas tecnologias em procedimentos médicos impulsionam o crescimento do déficit.

Em 2005 já houve um reajuste considerável na mensalidade e a criação da 13ª contribuição para cobrir déficit do plano. Após a venda do anuênio, em 2006, a retirada da Maria Rosa e a adoção de piso salarial de R\$ 480,00 podem ser os próximos golpes fatais no plano.

Resistência é a única garantia para Participantes

Em 2005 a direção da Cemig tentou retirar os aposentados do Prosaúde, mas a mobilização dos trabalhadores da ativa barrou este golpe. A questão

responde à pauta de reivindicações e os representantes da empresa disseram, na mesa, que não haverá prorrogação de data base, nem debate sobre Maria Rosa e ainda ameaçaram instaurar Dissídio Coletivo.

A resposta da categoria para a intransigência da Cemig é mais mobilização. A semana começou com assembleias em todo o estado onde trabalhadores rejeitam a proposta da Cemig e aprovam a paralisação das atividades em 48 horas, como protesto contra a posição da empresa.

Eletricitários mobilizados não cedem à pressão



Trabalhadores realizam ato de solidariedade em Caratinga



Uma atitude de fraternidade e de amor ao próximo dividiu a atenção durante a paralisação dos eletricitários no último dia 24, em Caratinga. Os trabalhadores que paralisaram as atividades para dizer não ao fim da Maria Rosa e exigir que a Cemig negocie a Pauta de Reivindicações, mostraram a sua disposição para a luta e, também, para a solidariedade.

Em uma ação social organizada no momento da mobilização, eles arrecadaram dinheiro e compraram material de limpeza para a Asadom (Associação de Amparo aos Doentes Mentais) de Caratinga.

O espírito do pessoal era mesmo de ajudar o próximo. Após comprarem o material de limpeza que a instituição necessitava, os trabalhadores aproveitaram o tempo e seguraram até o Hemôminas de Governador Valadares para doar sangue.

“Os eletricitários aproveitaram a paralisação de 24 horas para realizar um ato de solidariedade e deram um exemplo aos companheiros da Cemig que ainda não entenderam a importância de garantirmos nossas conquistas e de gerações futuras e de protegermos nossos empregos”, avalia o diretor do Sindieleiro, Wolmar de Paula.

